

EVITANDO O PECADO

Paulo, o apóstolo aos gentios, era um pregador, não um filósofo. Em 1 Coríntios ele apresentou a teologia do evangelho, empregando, contudo, pouco tempo à explicação de detalhes. Muitos cristãos coríntios conheciam em primeira mão a sociedade pagã. Eram pessoas práticas que olhavam para si mesmas e se inclinavam a defender suas preferências. Os leitores de Paulo, em sua maioria, não pertenciam ao nível socioeconômico mais baixo entre os gregos, não eram os que trabalhavam no serviço braçal apenas pelo sustento diário. Desfrutavam de alguma modesta prosperidade e sabiam o que estava acontecendo nos círculos filosóficos sofisticados que achavam espaço no mundo romano. Paulo tirou-os de um estilo de vida pagão para obedecerem ao evangelho, a mensagem do Deus único e verdadeiro que enviou Seu Filho para redimi-los do pecado. A aceitação do evangelho foi um ponto de partida importantíssimo para eles.

Os convertidos a Cristo tinham muitos ajustes a fazer. Além de adotarem novas ideias sobre a natureza da Divindade, tinham de aprender a lidar uns com os outros como povo de Deus. A frustração de Paulo em 1 Coríntios era que seus companheiros crentes estavam progredindo muito lentamente. Imitaram vários contemporâneos pagãos dividindo-se em partidos. Estavam sacrificando a unidade da comunidade cristã pela imposição mútua de pensamentos sofisticados e por causa de sutis distinções entre palavras.

EVITANDO LITÍGIOS ENTRE IRMÃOS (6:1–11)¹

Enquanto discutiam por preferências a mestres,

¹O título desta seção foi extraído de *Abundant Life Bible, New Living Translation*, 2a. ed. Wheaton, Ill.: Tyndale House

aqueles crentes estavam negligenciando questões éticas que ameaçavam contaminar o viver santo. Duas questões ilustraram a necessidade de que a igreja deixasse para trás seu velho estilo de vida e adotasse um novo. 1) Os cristãos coríntios estavam tolerando um homem, em seu próprio meio, que vivia abertamente com a mulher de seu pai. 2) Irmãos estavam resolvendo diferenças legais entre si levando os casos ao tribunal de incrédulos.

As circunstâncias exatas enfrentadas pela igreja coríntia são improváveis de se instalar em qualquer outra igreja, seja antiga, seja moderna. Mesmo assim, as instruções de Paulo são relevantes para quem hoje em dia tem de lidar com questões éticas, quaisquer que sejam. Deus deu aos cristãos a responsabilidade de extrair princípios dos casos específicos tratados por Paulo. Esses princípios devem nos nortear em face de problemas semelhantes. Paulo estava ciente da tensão entre as velhas práticas pagãs e a novidade da doutrina e da moralidade cristãs. Ele ordenou que os cristãos se comportassem diferentemente do que lhes era costumeiro. Esse exemplo tem implicações importantes para os cristãos de todos os tempos e lugares.

Os Santos Julgarão o Mundo (6:1–3)

¹Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? ²Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? ³Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!

Publishers, 2004, p. 873.

Versículo 1. Da mesma forma que reagiu ao problema do homem que estava vivendo com a mulher de seu pai, Paulo mostrou incredulidade com respeito ao problema dos litígios, ou processos judiciais, entre a irmandade. Anteriormente, ele escrevera: “...se ouve que há entre vós imoralidade...” (5:1); e aqui ele perguntou: **Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro...?** O apóstolo estava espantado. Era verdade que aqueles cristãos haviam se esquecido do significado fundamental da vida comunitária em Cristo? Ao fechar os olhos para o homem que vivia em fornicção, a igreja estava evitando sua responsabilidade comunitária. Os membros tinham o dever de julgar entre o certo e o errado e aplicar a disciplina dentro da igreja.

Além de cometerem um mal alarmante se omitindo de julgar alguém do seu meio; por causa de disputas triviais financeiras entre os membros da comunidade, recorreram a juízes de fora, presumivelmente a magistrados coloniais (6:1–11).²

Tanto a preocupação com a imoralidade do homem em pecado quanto o problema de litígios entre os crentes em tribunais seculares foram levados à atenção de Paulo por seus informantes. Essas questões não foram mencionadas na carta da igreja que Estéfnas, Fortunato e Acaico haviam entregado ao apóstolo (16:17; 7:1). O pessoal da casa de Cloe (1:11) pode ter sido a fonte dessas informações. A responsabilidade da igreja de disciplinar membros faltosos continuou sendo a base quando Paulo retomou o assunto da imoralidade sexual em 6:12–20.

É difícil estimar o número de cristãos coríntios por volta do ano 50 d.C. Levando em conta que essa igreja às vezes se reunia na casa de Gaio (Romanos 16:23), a congregação não devia ser grande. Dentro de uma comunidade de talvez cinquenta ou até cem membros, é improvável que o caso de um crente recorrer ao tribunal contra outro crente fosse uma ocorrência comum. Provavelmente, um caso específico chamou a atenção do apóstolo. Cristãos que residiam no meio de uma sociedade pagã estavam acostumados a submeter aos tribunais da cidade disputas financeiras e questões patrimoniais. A indignação de Paulo derivava de duas considerações. Os tribunais judiciais seculares eram notoriamente corruptos, e Paulo conhecia um modelo mais positivo para administrar a justiça, um modelo já usado

pelos judeus. Mesmo sob o governo romano, as comunidades judaicas na Judeia e por toda a diáspora seguiam procedimentos judiciais bem organizados.

Quando Paulo queixou-se de ir a juízo **perante os injustos** (οἱ ἄδικοι, *hoi adikoi*) em 6:1, ele não estava fazendo uma avaliação casual dos procedimentos nos tribunais do mundo romano. Os ricos controlavam os tribunais; o sistema não era conhecido por distribuir justiça imparcial. Os pobres raramente recorriam aos tribunais; e quando o faziam, tinham pouca expectativa de uma audiência justa. David E. Garland fez a seguinte avaliação: “Evidências indicam que os tribunais civis desse tempo eram menos que imparciais e que havia uma substancial corrupção”³. Cícero, um afamado orador, advogado e estadista, deu início a uma apelação perante um tribunal romano no primeiro século a.C. exprimindo esta opinião compartilhada por romanos e estrangeiros: “Estes tribunais... jamais condenarão homem algum, mesmo sendo culpado, se ele tiver dinheiro”⁴. Tiago indagou: “Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?” (Tiago 2:6).

Paulo não queria que o sistema bipartido da justiça romana – uma justiça para os ricos e outra para os pobres – solucionasse diferenças entre os crentes. Alguns cristãos coríntios eram pobres e impotentes, mas as evidências sugerem que outros membros estavam num patamar de riqueza, ocupando, portanto, uma posição relativamente elevada no mundo secular. Gaio tinha uma casa grande o suficiente para servir a igreja como local de encontro. Erasto de Corinto talvez tivesse um importante emprego cívico (veja Romanos 16:23). Estéfnas, evidentemente, levou consigo dois de seus escravos para consultar Paulo em Éfeso. Riqueza e posição social parecem ter permitido que alguns cristãos coríntios preparassem refeições que eles deixaram de compartilhar com quem tinha menos posses (1 Coríntios 11:21). Paulo, sem dúvida, agira corretamente ao concluir que, em Corinto, cristãos mais pobres tinham pouca expectativa de justiça perante tribunais seculares quando processados por irmãos mais ricos. Essa desonestidade o perturbava. De um ponto de vista pessoal, Paulo conhecia as falhas dos tribunais romanos ao aplicar a justiça. Em Filipos,

²Wayne A. Meeks, *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. Santo André, SP: Academia Cristã e Paulus, 2011, p. 130.

³David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 197. Garland citou fontes antigas que dão apoio a essas alegações.

⁴Cícero, *Contra Verres* 1.1.1.

ele fora arrastado para dentro de uma arena pública e açoitado sem oportunidade de se defender (Atos 16:19). Em Éfeso, Demétrio conseguira instigar uma revolta na ausência de controle judicial (Atos 19:24, 29). O apóstolo quase perdera a vida nesse processo (2 Coríntios 1:8, 9). Félix o manteve em custódia “esperando... que Paulo lhe desse dinheiro” (Atos 24:26). O apóstolo tinha boas razões para se indignar com a atitude de certos cristãos submeterem suas questões a juízo perante os injustos e não perante os santos.

Aliado à sua reprovação dos procedimentos judiciais romanos, Paulo tinha um modelo positivo na forma como as comunidades judaicas aplicavam a justiça. Sem hesitar, Claudio Lísias havia deferido ao tribunal judaico em Jerusalém que formulasse acusações contra Paulo (Atos 22:30; veja 23:26; 24:7, 22). Os romanos gostavam quando os povos conquistados resolviam suas próprias questões civis e legais. Era falsa a alegação apresentada pelos judeus perante Pilatos, quando contestaram: “A nós não nos é lícito matar ninguém” (João 18:31). Os romanos dificilmente teriam percebido se a elite judaica governante tivesse levado Jesus para fora da cidade e O tivesse, discretamente, apedrejado, como de fato o fizeram no caso de Estêvão (Atos 7:58). Por razões políticas, a seita dos sacerdotes quis imputar a morte de Jesus aos romanos. Pilatos sabia o que estavam fazendo; reconheceu a inocência de Jesus, mas faltou-lhe coragem para libertá-lo. Os tribunais judiciais formatados pelo modelo da Judeia espalharam-se por toda a diáspora judaica. “Aonde quer que os judeus fossem levavam consigo sua própria lei e estabeleciam tribunais de justiça segundo as diretrizes dessa lei para os membros de sua comunidade.”⁵

Na cultura ocidental moderna, as pessoas que já experimentaram os tribunais de justiça provavelmente acharão estranho que os tribunais romanos tolerassem tribunais judaicos ou cristãos com jurisdição sobreposta. O problema se torna menos agudo quando se reconhece que, do ponto de vista romano, o sistema judicial era um serviço que o estado fornecia aos seus súditos a um considerável custo. Os oficiais públicos preferiam que as comunidades étnicas gerissem a si mesmas e administrassem sua própria justiça. Sumos sacerdotes de

Jerusalém chegaram a emitir decretos a serem reforçados por sinagogas de Damasco (Atos 9:1, 2). Emil Schürer escreveu: “Pode-se ver com base nisto que os judeus de fato exerciam não só uma jurisdição civil, mas até uma espécie de jurisdição criminal aos seus próprios membros”⁶. Para Paulo, os tribunais judiciais dos judeus ofereciam um modelo que trazia uma justiça mais uniforme aos cristãos do que os tribunais seculares.

Versículo 2. Ainda que Paulo tenha dito claramente que os cristãos deveriam submeter suas questões aos seus próprios juizes sem recorrer a tribunais seculares, o argumento que ele ofereceu não foi tão claro. **Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?**, perguntou ele. Duas observações podem ser úteis. Primeiramente, o apóstolo parecia estar recorrendo a Daniel 7:22: “...e fez justiça aos santos do Altíssimo”. A passagem conforme traduzida na LXX, καὶ τὴν κρίσιν ἔδωκε τοῖς ἁγίοις τοῦ ὑψίστου (*kai tēn krisin edōke tois hagiois tou hupsistou*), “...e concedeu o juízo aos santos do Altíssimo”, já foi amplamente entendida como se Deus fosse inscrever os eleitos no juízo do fim dos tempos. Gordon D. Fee observou que a passagem foi “observada numa variedade de textos, incluindo Qumran”⁷. A forma precisa como Deus envolveria os santos no juízo final não estava em questão aqui. Simplesmente se afirmou o fato de que eles participariam do julgamento do mundo.

Em segundo lugar, o argumento de Paulo foi feito do maior para o menor; ou seja, se Deus vai olhar para os cristãos, quando julgar o mundo, certamente eles são capazes de emitir juízo em questões menores. Os cristãos não têm nenhuma responsabilidade de “julgar os de fora” na presente era; devem “julgar os que estão dentro da igreja” (5:12). Quando o Senhor voltar e toda a humanidade comparecer perante Deus em juízo (2 Coríntios 5:10), as vidas piedosas dos cristãos julgarão as pessoas do mesmo modo que a justiça de Noé sentenciou o mundo pré-diluviano (Hebreus 11:7).

Paulo também perguntou: **Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas?** Essa pergunta racionaliza o seguinte: se os santos vão participar do juízo do mundo, estão qualificados para tomar decisões

⁶Ibid., vol. 3, pp. 119–20.

⁷Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 233.

⁵Emil Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, rev. e ed. Geza Vermes, Fergus Millar e Martin Goodman. Edinburgh: T. & T. Clark, 1986; reimpressão, Londres: Bloomsbury, 2014, vol. 3, p. 119.

em questões menores. Os coríntios deveriam resolver as disputas entre si dentro da comunidade cristã. Esse método de resolução de diferenças era mais propenso a ser justo.

Versículo 3. É inteligível que as vidas piedosas dos crentes aparecerão no juízo final da raça humana, mas Paulo indicou que o elevado respeito do Juiz por Seus santos vai mais além. Alterando o discurso para a primeira pessoa, o apóstolo perguntou: **Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?** Tanto 2 Pedro 2:4 como Judas 6 falam de anjos que pecaram. As Escrituras oferecem pouca informação além do fato de que alguns anjos pecaram e são responsáveis por suas transgressões assim como os seres humanos. Ao mencionar os anjos que serão julgados pelos crentes, Paulo, Pedro e Judas não fizeram nenhuma referência a Satanás.

O papel preciso de cristãos no juízo do “mundo” e de “anjos” não foi especificado. Paulo certamente não quis sugerir que Deus deferirá a juízes humanos, se seus vereditos diferirem dos dEle. É mais racional crer que as vidas dos cristãos fiéis julgarão o pecado de anjos do mesmo modo que julgarão o mundo impiedoso (veja Mateus 19:28; Hebreus 11:7). A referência do apóstolo a anjos reforça as perguntas em 6:2. Os cristãos coríntios estavam qualificados para emitir julgamento quando seus irmãos tinham disputas sobre **coisas desta vida**.

Litígios São para Incrédulos (6:4–8)

⁴Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja. ⁵Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? ⁶Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos!

⁷O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano? ⁸Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos!

Versículo 4. As perguntas retóricas de Paulo continuam a enfatizar o absurdo que é santos levarem questões de disputas terrenas perante tribunais seculares. **Negócios terrenos** (βιωτικά, *biōtika*) têm a ver com a provisão de necessidades básicas para a família de alguém ou com as relações interpessoais. Um direito a propriedade, a concessão de uma

banca no mercado, o pagamento de uma dívida, ou acordos salariais podiam gerar confusão e contenda entre pessoas. Tais conflitos poderiam evoluir para ira e amargura. A comunhão e unidade da igreja eram solapadas quando crentes recorriam a tribunais mundanos sujeitos a propinas e bajulações para resolver diferenças entre si.

Paulo não estava minimizando esses conflitos que surgiam entre irmãos, nem estava sugerindo que eles sempre podiam ser resolvidos como questões em que se define o certo e o errado. Ele estava dizendo que homens respeitados de dentro da igreja eram mais propensos a conceder soluções justas aceitáveis a todas as partes do que os juízes do mundo. A NVI não traduziu o versículo 4 como uma pergunta retórica. Assumindo καθίζετε (*kathízete*, “designar”) como um imperativo, sugere esta tradução: “Portanto, se vocês têm questões relativas às coisas desta vida, designem para juízes os que são da igreja, mesmo que sejam os menos importantes”. O sentido é que seria melhor a igreja nomear seus membros menos dignos como juízes do que ter membros processando legalmente uns aos outros em tribunais seculares. Até o menor dentre eles poderia resolver as disputas relativas ao dia-a-dia mais adequadamente do que incrédulos. É difícil decidir qual versão é melhor. Ambas se encaixam no contexto, mas a da NVI se encaixa melhor na expectativa do leitor de que Paulo estava admostando os coríntios a resolverem questões pessoais dentro da igreja.

Versículo 5. O apóstolo achou irônico os coríntios agirem como se fossem incapazes de emitir sábios julgamentos quando surgiam conflitos entre irmãos. No caso dos partidos e facções, eles haviam demonstrado uma exacerbada opinião com base na própria sabedoria (veja 3:18–20). Onde foi parar essa sabedoria presunçosa? Por que ela tinha sido tão abundante nas discussões filosóficas, mas tão escassa na questão prática de resolver disputas? O apóstolo esperava que exercessem sabedoria no que diz respeito à vida da igreja.

Entre os dons espirituais que Paulo viu naqueles crentes estava o bom julgamento que poderia guiá-los quando surgissem disputas. Alguns, evidentemente, tinham o dom de “governo” (de κυβέρνησις, *kubernēsis*) ou de administração, segundo 12:28. Esse termo sugere a capacidade de conduzir, tal como um piloto de navio dirige uma embarcação num curso seguro. Os que possuíam esse dom precisavam emergir nessa circunstância e

guiar a igreja de Corinto durante os momentos difíceis. A recusa de quem possuía esse dom em aceitar tal responsabilidade punha em dúvida a sua fé. Irmãos sábios não deveriam hesitar em emitir julgamentos quando a igreja precisasse deles. Se a igreja carecia de homens sábios ou se recusava seguir os que eram sábios para guiar, isso era uma vergonha.

Versículo 6. Em toda a sua abordagem do caso de um irmão ir a juízo contra outro num tribunal secular, Paulo reagiu com incredulidade. O problema era duplo: crentes sábios haviam se mostrado tímidos, e cristãos com mentalidade mundana não queriam se comprometer a solucionar conflitos. O resultado não era só hipocrisia na igreja, mas também desgraça pública: **irá um irmão a juízo contra outro irmão.** Ao submeterem seus casos **perante incrédulos**, os cristãos estavam proclamando publicamente que não tinham ninguém entre eles que fosse sábio ou confiável o suficiente para julgar suas causas. Estavam denunciando que ainda eram as mesmas pessoas egocêntricas e sedentas por vitória de antes de conhecerem a Cristo. O Senhor esperava um comportamento melhor deles, assim como Paulo.

Versículo 7. Mais preocupante do que um irmão ir a juízo contra outro perante oficiais pagãos era a indiferença à generosidade e ao perdão, qualidades estas que deveriam caracterizar a interação entre os crentes. Além de não resolver os próprios conflitos aproveitando a direção de homens sábios, os coríntios também demonstravam um espírito competitivo. Ninguém se dispunha a abrir mão da menor questão enquanto houvesse a perspectiva de lucro para si.

Quando irmãos levantam **entre [si] demandas**, disse Paulo, isso **já é completa derrota**. Jesus deu exemplo para eles seguirem. Embora rico, por causa deles, Jesus se fez pobre para que eles fossem ricos (2 Coríntios 8:9). Se um inimigo processasse um seguidor de Cristo por causa de uma túnica, Jesus disse que Seu seguidor deveria dar ao inimigo a capa também (Mateus 5:40). E acrescentou: “Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes” (Mateus 5:42). Quando um crente vai a juízo contra outro crente, nenhuma das partes sai vencedora.

Quando um cristão é convencido de que o outro cristão cometeu uma injustiça contra ele, uma das opções é desistir da questão e perdoar a transgressão. Se um irmão insiste num salário maior do que o de costume, a coisa mais cristã a se fazer é pagar-lhe o montante extra. Se um reivindicasse alguns metros

de terreno além do limite calculado, Jesus nos aconselharia a conceder a ele a porção reivindicada. Em vez de insistir na justiça estrita que acreditamos ser devida, Paulo perguntou: **Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?**

Quais são os limites para essa generosidade? O que se deve fazer quando a ambição vence a paciência e a caridade? Quando a boa vontade e a boa fé são derrotadas numa negociação, o cristão sábio deve recuar. Alegadas injustiças devem ser resolvidas dentro da comunidade de crentes. Esse curso de ação é aconselhável para cristãos modernos assim como era para os primeiros cristãos.

Versículo 8. O que despertou a indignação de Paulo foi que alguns cristãos de Corinto estavam mais interessados em usar detalhes técnicos da lei local para se enriquecerem do que em ver a justiça feita. Em vez de manifestarem uma disposição para sofrer o prejuízo por amor à paz e à boa vontade entre os crentes, acusou Paulo, **vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano.** Já era bastante lamentável crentes quererem se impor e tirar vantagem a ponto de cometerem injustiça contra vítimas que eram descrentes, mas alguns cristãos de Corinto estavam fazendo isso contra irmãos que partilhavam da mesma fé.

Seria interessante ouvir a voz de Paulo enquanto olhava fixamente para os transgressores e dizia: **E isto aos próprios irmãos!** Existe um vínculo único de unidade e irmandade entre os cristãos (Gálatas 6:10). Quando um cristão comete uma injustiça contra outro que partilha da mesma fé no Senhor Jesus, esse ato é duplamente repreensível porque todo o corpo sofre. Paulo mostrou que confrontar o pecado e a injustiça às vezes exige mais do que um pensamento pacifista e temperamentos complacentes. O apóstolo não queria ter parte na maneira como os coríntios estavam se comportando nesta situação. Ele considerou a reação deles contrária ao corpo de Cristo.

O Reino É para os Justos (6:9–11)

⁹Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, ¹⁰nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. ¹¹Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o

nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.

Versículo 9. Aqueles irmãos estavam sendo re-preendidos por irem a juízo uns contra os outros e causarem dano mútuo em busca de ganho pessoal, à custa do amor fraternal e da unidade. Já que ninguém via o seu próprio interesse como uma questão pequena, Paulo classificou esse comportamento como uma ação incontestavelmente reconhecida como pecado. Ele afirmou que **nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas** “herdariam o reino de Deus” (6:10). Incluiu entre **os injustos** aqueles que eram propensos a causar dano a outros e indispostos a sofrer o dano por amor à paz.

Paulo estava fazendo uma pergunta retórica. Ele queria dizer: “Obviamente, vocês sabem que os transgressores, habituados a uma baixa moralidade, não podem herdar o reino de Deus. Os que perpetram injustiça em tribunais pagãos não são diferentes”.

O que significa aqui **o reino de Deus**? Essa expressão foi uma pedra fundamental na pregação de Jesus e ocorre repetidas vezes nos relatos dos Evangelhos, embora raramente em João (veja João 3:3, 5). “O reino de Deus” também é mencionado meia dúzia de vezes em Atos. Paulo usou a expressão ocasionalmente, mas em 1 Coríntios empregou-a mais do que em outros textos (4:20; 6:9, 10; 15:50).

Num sentido, o reino de Deus ainda estava por vir. Ele ainda seria herdado pelos fiéis. O reino se consagraria completamente no fim dos tempos. Num outro sentido, o reino de Deus já estava em vigor. Fazia-se presente onde houvesse o povo de Deus (veja 4:20; Colossenses 1:13). Paulo estava avisando que fazer parte do reino não tranquilizava ninguém para dormir. Os cristãos devem permanecer sempre vigilantes; o pecado e a herança da vida eterna não se compatibilizam, nem nesta era nem na vindoura. Argumentos inteligentes podem iludir alguns a tratar o pecado levianamente, mas Paulo assegurou seus leitores de que nada menos que a salvação eterna estava em jogo. Os comportamentos que ele citou excluem do reino de Deus quem os pratica.

Dos cinco pecados mencionados no versículo 9, quatro são de natureza sexual. A impureza ou fornicação e o adultério são pecados heterossexuais; os dois últimos são pecados homossexuais. No Novo Testamento, “impureza” ou fornicação é uma pala-

vra geral para intimidade sexual fora do casamento. O adultério é mais especificamente intimidade sexual entre um homem e uma mulher que são casados, mas não um com o outro. Uma variedade de tais pecados era praticada regularmente em Corinto, até mesmo em nome da religião. Os judeus censuravam, com justiça, a imoralidade do mundo pagão.

A palavra *μαλακός* (*malakos*, “efeminados”), num sentido geral, refere-se literalmente a tecidos ou outros itens macios ao toque. O termo veio a ser usado para jovens e meninos que eram parceiros – voluntários ou não, pagos ou por consenso – numa relação homossexual⁸. A tradução da NVI, “nem homossexuais passivos ou ativos”, restringe demasiadamente a palavra. O termo também pode se referir a modos efeminados num homem homossexual.

Paulo parece ter cunhado o segundo termo, vertido na RA por “sodomitas” (*ἀρσενικοίτης*, *arsenokoitēs*, da raiz *ἀρσεν*, *arsēn*, “homens”, e *κοίτη*, *koitē*, “promiscuidade sexual”). Talvez ele tenha se baseado na terminologia de Levítico 18:23 e 20:13 na LXX. Após um cuidadoso trabalho exegético, David E. Malick chegou a esta conclusão sobre os dois vocábulos:

São [termos] descritivos das partes ativa e passiva numa relação homossexual. A referência inclui os abusos de pederastia [relação entre um homem e um menino], mas pode denotar atividades mais amplas de relações do mesmo sexo recíprocas da perspectiva cultural das Escrituras Hebraicas, especialmente Levítico 18:22 e 20:13.⁹

Ainda que defensores modernos da homossexualidade tentem refutar ou reinterpretar as palavras de Paulo, o apóstolo acreditava que praticar a homossexualidade é um comportamento inaceitável para cristãos.

Mesmo que algumas pessoas nasçam com uma inclinação para a homossexualidade, isso não torna tal prática aceitável do ponto de vista cristão. Pessoas também nascem com inclinações para o egoísmo, o roubo, o abuso de drogas e outros males. Grande parte da ética cristã consiste em conter as inclinações humanas “naturais”. Stanley J. Grenz afirmou bem:

⁸Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 613.

⁹David E. Malick, “The Condemnation of Homosexuality in 1 Corinthians 6:9”, *Bibliotheca Sacra* 150. Outubro-dezembro de 1993, p. 490.

[Ética] não é meramente uma justificativa para o que emerge naturalmente... Ainda que alguns pesquisadores concluam que os homens são naturalmente promíscuos, essa suposta inclinação natural não descarta a ética bíblica de fidelidade.¹⁰

De modo semelhante, uma inclinação inata (natural) para a homossexualidade não justifica sua prática.

Surpreende o fato de Paulo incluir idolatria numa lista com quatro pecados sexuais. Provavelmente, ele o fez porque ritos imorais estavam geralmente associados a festividades religiosas pagãs. No Antigo Testamento, a prostituição religiosa era um traço profundamente impregnado dos cultos de fertilidade dedicados a Baal e sua consorte. Essa prática era particularmente detestável porque judeus de ambos os sexos, antes respeitáveis, foram por ela tragados. “Viste o que fez a pérfida Israel?”, perguntou Jeremias. “Foi a todo monte alto e baixo de toda árvore frondosa e se deu ali a toda prostituição” (Jeremias 3:6). O profeta não estava usando linguagem figurada. Os gregos, igualmente, dedicavam ritos de orgia a Dionísio e outras divindades.

Versículo 10. O apóstolo utilizou-se muitas vezes de listas de pecados, embora algumas vezes enumerasse virtudes também (veja Gálatas 5:19–23). Ele migrou dos pecados sexuais para outras maneiras de causar dano ao próximo e a si mesmo. **Nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores** também constam de uma lista anterior (1 Coríntios 5:11). Assim como o roubo decorre da avareza, o estilo de vida cristão flui da fé adotada pela comunidade do povo de Deus. Na visão de Paulo, não se separa a confissão do estilo de vida. Deixar de praticar a fé cristã resulta na perda do **reino de Deus**.

Versículo 11. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, não exporia aos seus leitores os horrores do pecado sem submeter o assunto à redenção. Lembrou-lhes que foram purificados e salvos no nome de Jesus. Apesar de estar indignado com o fato de irmãos irem a juízo contra irmãos, ele lembrou seus leitores que estar em Cristo lhes abria um caminho superior. O comportamento dos cristãos coríntios refletia uma cadência de avareza, porém o apóstolo apelou para os seus institutos superiores. Além de estarem a caminho da vida eterna, haviam sido chamados por Deus para uma vida agradável de auto-respeito

¹⁰Stanley J. Grenz, *Sexual Ethics: A Biblical Perspective*. Dallas: Word Publishers, 1990, p. 206.

já neste mundo. Paulo reconheceu que “Deus pode dar aos cristãos poder suficiente para resistirem aos desejos pecaminosos, mesmo se continuassem a tê-los... Cristo liberta os crentes do vício do pecado para que escolham suas ações”¹¹.

O poder transformador do evangelho pode agir no homem e na mulher mais pecadora, tornando-os filhos de Deus santos e justificados. O apóstolo manteve um equilíbrio maravilhoso entre a iniciativa que Deus tomou sobre a salvação na família humana e a responsabilidade que os salvos devem assumir a fim de serem glorificados. A força da igreja está na simples piedade e na confiança do crente em Deus. Alguns anos após Paulo expressar essa confiança em Deus, um presbítero da igreja em Roma escreveu sobre sua confiança no cuidado providencial de Deus. Ele recitou a seguinte oração numa carta à igreja em Corinto, que data da última década do primeiro século:

Ele nos ensinou a esperar em Teu Nome, princípio de toda criatura. Tu que nos abriste os olhos do coração para Te conhecermos, ao único Altíssimo nas alturas, Santo que repousa entre os santos: Tu que rebaixas o orgulho dos soberbos, que desfazes as estratégias das nações, que exaltas os humildes e humilhas os que se exaltam, que distribuis a riqueza e a pobreza, que fazes morrer e levas à vida, que és o único benfeitor dos espíritos e Deus de toda carne, que vigias os abismos e controlas as obras dos homens, que és socorro nos perigos e Salvador no desespero, Criador e Bispo de todo espírito, tu que multiplicas as raças sobre a terra e, dentre todas, escolhes os que te amam, por Jesus Cristo, teu Filho amado, pelo qual nos ensinaste, santificaste e glorificaste.¹²

Muitas referências da Bíblia à lavagem e à água no contexto do batismo elucidam que tanto Paulo como seus leitores associavam ser **lavado** com o batismo. Paulo prosseguiu dizendo: **Mas fostes santificados, mas fostes justificados** (veja Atos 22:16; Tito 3:5). Wayne A. Meeks exprimiu isto desta forma:

Todo indivíduo que entra na comunidade pura precisa fazer isso para ser “lavado” e “santificado” e “justificado” (1 Coríntios 6:11). Além do mais, o ritual representa, na íntegra, uma morte e ressurreição com Cristo... Evidentemente, então, o batismo é um ritual que estabelece uma fronteira.¹³

¹¹Ben Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 166.

¹²Clemente 59.3.

¹³Meeks, p. 102.

Não se separa o ato exterior do batismo das atitudes interiores da fé, amor e submissão que são confirmadas no batismo. O sepultamento em água está vinculado à disposição espiritual para o arrependimento.

As profundas raízes de Paulo no Antigo Testamento se evidenciaram quando ele fez uma rápida referência ao **nome do Senhor Jesus Cristo**. “O nome” é um substituto para o próprio Senhor. Ao invocar o nome do Salvador, Paulo afirmou que Jesus é o agente da lavagem, santificação e justificação¹⁴. A obra mediadora do Espírito forja os laços entre Deus e o Seu povo. O que aqueles indivíduos eram agora em Cristo era totalmente diferente do que haviam sido quando filhos desta era. Fee comentou: “Para Paulo deve haver a relação mais próxima entre a experiência da graça e o comportamento de uma pessoa que evidencia essa experiência da graça”¹⁵.

EVITANDO O PECADO SEXUAL (6:12–20)¹⁶

Tipicamente uma carta não contém a estrutura formal de um estudo ou de uma pesquisa. Numa carta, o autor pode interromper um pensamento vagamente correlacionado ao assunto anterior ou subsequente. Tudo indica que foi isto o que Paulo fez na última parte de 1 Coríntios 6. Por que, bem aqui, Paulo desviou a atenção para os costumes sexuais vigentes na cidade de Corinto e a resposta cristã a esses costumes? A questão de manterem comunhão com um homem que estava vivendo com a mulher de seu pai era recente na mente do apóstolo (5:1) e ele abriu um paralelo dos casos de litígio entre irmãos com fornicação e idolatria. Alguns membros queriam desassociar a relação de um indivíduo com Deus do que consideravam meras funções biológicas. Paulo não permitiu essa desassociação.

Imoralidade sexual, argumentou Paulo, é um pecado particularmente debilitante; ela corrompe, num grau profundo, a psiquê dos que cedem aos

seus desejos. Envolve o corpo, a mente e a alma num hábito totalmente viciante (veja 6:18).

Provas abundantes demonstram o baixo nível de moralidade na cultura greco-romana secular, particularmente em Corinto. A prostituição era amplamente praticada, os corpos das escravas pertenciam a seus senhores, a homossexualidade era ridicularizada, porém tolerada, o divórcio era aceito e o aborto e a exploração de crianças eram comuns. O apóstolo sentiu-se compelido a inserir algumas palavras fortes e assumir uma postura clara relativa à reação cristã à imoralidade sexual que se alastrava.

A Explicação de Paulo (6:12–17)

O espanto de Paulo diante da prática de um irmão ir a juízo contra outro irmão perante incrédulos caminhou para uma discussão mais geral sobre iniquidade. Ele classificou os que estavam cometendo injustiça em causas legais no mesmo patamar que os impuros [imorais ou fornicadores], idólatras, ladrões e adúlteros (6:9, 10). O julgamento de Deus aguarda os que se envolvem nessas práticas; eles não têm lugar no reino de Deus. Alguns cristãos coríntios tinham cedido a essas sensualidades no passado; mas foram lavados, santificados e justificados.

As obras artísticas do mundo greco-romano revelam um interesse maior pela atividade sexual. Artefatos desenterrados por arqueólogos, pinturas em vasos e literatura dão o mesmo testemunho. O povo que vivia nessa época não foi o único a agir assim, mas esse período histórico parece ter sido mais inclinado ao vício sexual do que outros períodos. O mundo ocidental moderno tem em comum com o mundo greco-romano uma absorção de práticas sexuais consensuais. Paulo dirigiu-se à imoralidade sexual não porque ela fosse mais odiosa do que outros pecados, mas porque ela estava mui difundida na cultura e porque era mui destrutiva à ordem social e ao bem-estar das pessoas.

¹²Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.

¹³Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. ¹⁴Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo Seu poder. ¹⁵Não saibéis que os vossos corpos são membros de Cristo? É eu, porventura, tomaria os membros de

¹⁴Os esforços de Fee em associar “lavagem” e batismo exigiriam uma dissertação para uma resposta apropriada. (Fee, pp. 246–47.) Entre outras coisas, sabe-se muito bem que os autores do Novo Testamento frequentemente alternaram as preposições ἐν (en) e εἰς (eis). Paulo usa “em o nome” no lugar de “para o nome” não oferecendo razão alguma para se descartar o batismo. O batismo, a lavagem e a regeneração estão intimamente alinhados em Tito 3:5. É por uma boa razão que os comentaristas veem uma linguagem batismal na referência de Pedro ao novo nascimento (1 Pedro 1:23–2:3).

¹⁵Ibid., p. 248.

¹⁶O título desta seção foi extraído de *Abundant Life Bible, New Living Translation*, 2a. ed. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 2004, p. 873.

Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. ¹⁶**Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.** ¹⁷**Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele.**

Versículos 12 e 13. A observação do apóstolo de que os cristãos são um povo lavado e santificado levou-o a confrontar os que se inclinavam a defender a rendição aos desejos na sensualidade licenciosa da sociedade pagã. A frase inicial dessa confrontação – **Todas as coisas me são lícitas** – seria difícil de entender como uma declaração espontânea. Essa concessão não parece dar sustentação à opinião de Paulo. Algumas traduções (as inglesas NRSV e NIV [2011] e a brasileira BJC [Bíblia Judaica Completa]) colocam essa frase do versículo 12 e outra do versículo 13 entre aspas ou como citação. Ao fazerem isso, os tradutores expressaram a opinião de que o apóstolo estava citando lemas, ou jargões, usados pelos que defendiam a promiscuidade sexual.

Paulo respondeu aos que eram condescendentes com os próprios desejos citando o lema deles, mas demonstrando a seguir o erro deles: **nem todas [as coisas] convêm**. “Foi para liberdade que Cristo nos libertou”, escrevera ele anteriormente (Gálatas 5:1). De fato, num sentido, “todas as coisas são lícitas” para um cristão; mas o discípulo de Cristo se preocupa com mais do que a lei somente. Ele quer fazer o que convém, o que é proveitoso. Dada a natureza da obediência cristã, se um comportamento não passa pelo teste da conveniência ou do bom proveito, então ele também não é lícito. A concessão sexual desenfreada, assim como outros pecados, tem a capacidade de dominar totalmente o indivíduo. “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (João 8:34). Paulo declarou: **Eu não me deixarei dominar por nenhuma delas**. Cristo era o Senhor da vida do apóstolo e ele sabia que ninguém pode servir a dois senhores (Mateus 6:24).

O lema: **Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos** não era na verdade sobre comida. O argumento era que o desejo sexual exige ser expresso do mesmo modo que a fome exige que se alimente o corpo. Considerando que o sexo e a comida são desejos naturais, ceder a um não era visto como algo mais pecaminoso do que ceder a outro. Paulo concordou com isto somente em partes: o lema precisava ser analisado à luz do julgamento divino sobre todo tipo de concessão que

o cristão faz a si mesmo. O apetite por comida não é uma licença para glotonaria, e o desejo por sexo não é uma licença para imoralidade sexual. Deus providenciou que se atenda aos dois apetites com contenção. O corpo e seus apetites pertencem ao Senhor. O cristão deve governá-los dentro do contexto do ensino de Cristo. Mais do que inspiração para a fornicção, esses lemas consistiam numa tentativa de justificar uma prática que certos irmãos estavam tendo oriunda de suas antigas vidas de idolatria.

Versículo 14. A escatologia (ensino sobre a volta do Senhor, o juízo e o fim dos tempos) neotestamentária exorta os cristãos a terem vidas santas. Pedro concluiu sua descrição do “Dia do Senhor” em 2 Pedro 3:10–12, dizendo: “Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade...” Semelhantemente, Paulo seguiu seu lembrete de que o corpo é para o Senhor e o Senhor para o corpo chamando a atenção de seus leitores para o dia do juízo final: **Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo Seu poder**. Quando Ele ressuscitar a humanidade, cada um “comparecerá perante o tribunal de Cristo” (2 Coríntios 5:10). Satisfazer os desejos pessoais à custa do próximo é mais preocupante do que a satisfação dos próprios apetites. Isso vai contra o plano eterno de Deus.

Versículo 15. Se as admoestações de Paulo são alguma indicação de deficiência espiritual entre os coríntios cristãos, é seguro dizer que alguns deles tanto praticavam como defendiam o uso de prostitutas. Corinto era uma encruzilhada para o comércio e para a filosofia popular. É possível que a prostituição fosse mais comum num centro comercial como Corinto do que em qualquer outra cidade do mesmo tamanho, mas todas as cidades gregas tinham mercado para a carne humana. Seria ingenuidade supormos que no mundo atual essa prática é menos predominante.

Embora o apóstolo tenha censurado os lemas defendidos pelos que tentavam justificar o sexo comercial, ele prosseguiu argumentando que isso é indefensável para o povo do Senhor. Os cristãos desfrutavam de uma unidade com o Salvador que redimiu o Seu povo do pecado. O apóstolo considerou corpo e espírito como uma unidade. **Os vossos corpos**, declarou Paulo – não “os vossos espíritos”, como se o espírito fosse uma entidade à parte – **são membros de Cristo**. O que um indivíduo faz, seja algo bom, seja algo mau, o corpo de Cristo está fazendo. Mais tarde, na mesma carta, Paulo escreveu:

“Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (12:27). Irmãos e irmãs acabam por participar do comportamento praticado por um único indivíduo; foi assim que Deus planejou a igreja. Na pergunta retórica de 6:15, Paulo estava pondo em foco o enorme impacto do sexo comercial: **E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz?** A pergunta em si era um escândalo. **Absolutamente, não** [μὴ γένοιτο, *mē genoito*], respondeu o apóstolo. As escolhas morais de um cristão jamais dizem respeito a ele somente. O comportamento de cada cristão se estende aos demais membros.

Versículo 16. O que um indivíduo faz fisicamente impacta todo o seu ser. Assim como o ato do batismo não pode ser separado da fé espiritual e da submissão a Cristo, atos feitos no corpo não podem ser separados da união espiritual com Cristo. **Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela?**, perguntou Paulo. O corpo do cristão está vinculado à comunidade de crentes, e juntos os cristãos são o corpo de Cristo.

Ele estava lembrando os coríntios de que eles *mesmos* (“a nós” – 6:14) eram membros de Cristo – mas eles mesmos precisamente como seres corporificados, cujos envolvimentos corpóreos indicavam a qualidade e o caráter de seu comprometimento e discipulado.¹⁷

A fornicação, argumentou Paulo em 6:16, não é um mero ato físico. Ele citou Gênesis 2:24: **Serão os dois uma só carne.** Unir-se a uma prostituta macula a integridade de quem comete esse pecado. Ter relações sexuais com uma prostituta é unir o corpo de Cristo à imoralidade. Paulo não estava falando teoricamente; a prostituição estava impregnada na vida cívica e até religiosa das cidades gregas. Hoje alguns tentam justificar práticas que desumanizam e transformam o indivíduo num objeto para a satisfação física de outro, mas qualquer um desses esforços solapa a moralidade bíblica. “Não existe sexo casual que não gere consequências duradouras, mesmo quando os parceiros não têm a intenção de formar um vínculo mútuo.”¹⁸ Aqueles irmãos “não sabiam que eram o corpo de Cristo” e precisavam se manter puros? Claro que sabiam!

Versículo 17. Paulo usou a mesma palavra (κολλάομαι, *kollaomai*) para designar tanto a junção

de um homem com uma prostituta quanto a união de um cristão com Cristo. Constitui um insulto contra Cristo e contra o Seu povo um homem que já **se uniu ao Senhor** unir-se a uma prostituta. Pertencer ao Senhor é ser **um espírito com Ele**. Unir-se a uma prostituta é tornar falsa a singularidade da união com Cristo.

A Exortação de Paulo (6:18–20)

¹⁸Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. ¹⁹Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? ²⁰Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

Versículo 18. A transgressão que envolve o corpo na intimidade da união sexual é um pecado com uma característica única. Usando um imperativo que se aproxima do desespero, o apóstolo insistiu: **Fugi [vós] da impureza.** A impureza (ou “imoralidade sexual” [NVI]; “fornicação” [ACRF]; “prostituição” [ARIB]) certamente não é a única maneira de um indivíduo ser imoral; mas Paulo a considerou peculiarmente destrutiva. A fornicação é um pecado singular no sentido de que encarcera o corpo humano. **Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo,** argumentou Paulo, **mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.** Mais do que um mero ato, a imoralidade sexual requer o envolvimento do indivíduo como um todo. Uma seção de um documento judaico do terceiro século a.C., identificado como “O Testamento de Simeão, segundo filho de Jacó e Lia”, admoesta: “Guardai-vos da promiscuidade sexual porque a fornicação é a mãe de todos os males; ela separa os homens de Deus e os conduz a Belial”¹⁹. Paulo poderia ter perguntado: “O que é um ser humano além de seu corpo?” Tratar os apetites sexuais casualmente resulta numa autodestruição peculiar. Lares desestruturados e vidas fragmentadas testificam essa percepção do apóstolo. Jimmy Allen compartilhou um conselho sábio que se repete nas Escrituras: “Os ímpios são punidos agora não tan-

¹⁷James D. G. Dunn, *A Teologia do Apóstolo Paulo*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003, p. 58.

¹⁸Garland, p. 234.

¹⁹*Os Testamentos dos Doze Patriarcas*, “O testamento de Simeão, o segundo filho de Jacó”, 5.3.

to por causa de seus pecados quanto através de seus pecados”²⁰.

Versículo 19. Quando Paulo escreveu: **Acaso, não sabeis...**, o sentido era: “você com certeza sabem”. Anteriormente, Paulo havia incentivado a unidade da igreja lembrando os cristãos coríntios que eles eram, todos juntos, santuário de Deus (3:16, 17; veja 2 Coríntios 6:16). O apóstolo não fez distinção entre “santuário de Deus” e **santuário do Espírito Santo**. As duas expressões são intercambiáveis. A conclusão de que a igreja coletivamente é o lugar de habitação de Deus, mas que o Espírito Santo habita nos cristãos individualmente não tem razão de ser. Coletiva e individualmente, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo habitam nos crentes. A habitação é uma confirmação de que os crentes estão saturados da presença e do poder do agente que habita. Seja a habitação da fé (2 Timóteo 1:5), de Deus (2 Coríntios 6:16), do Espírito (Romanos 8:11), da Palavra (Colossenses 3:16) ou de Cristo (Colossenses 1:17), está implícito o sentido dessa influência difusa.

No contexto atual, o apóstolo estava escrevendo a respeito do corpo literal do indivíduo. Ele estava mostrando que o corpo de uma pessoa não deve ser unido fisicamente com o de uma prostituta. Usando uma figura de linguagem em 3:16 e 17, Paulo apresentou toda a igreja como santuário ou templo de Deus. Mudando a metáfora em 6:19, Paulo declarou que o corpo do indivíduo é “santuário do Espírito Santo”²¹. O presente ou dom de Deus para os crentes individuais e para a igreja como um corpo unificado é o Espírito Santo (veja Atos 2:38; Gálatas 4:6). A habitação do Espírito é a marca divina de posse ou propriedade. Tanto a igreja coletivamente como o crente individual podem ser chamados “santuário [templo] de Deus” ou “santuário [templo] do Espírito”. Em ambos os casos, o apóstolo julgou ser impensável uma pessoa na qual a Divindade habita unir-se a uma prostituta.

Versículo 20. O envolvimento de cristãos no corpo da igreja significava que a impureza ou a pureza de cada membro individual em Corinto era para a vergonha ou para a glória de toda a congregação. Além de o comportamento dos cristãos individuais refletir no Senhor que reinava sobre eles, havia ou-

²⁰Jimmy Allen, *Survey of Romans*, 7a. ed. Searcy, Ark.: By the author, 1994, p. 105.

²¹Isto se aplica mesmo quando Paulo usou o pronome na segunda pessoa do plural, “vós”. O que se aplicava a todos os cristãos em Corinto se aplicava a cada um deles individualmente.

tro motivo importante para aqueles cristãos serem compelidos a “fugir da impureza” (6:18). Eles haviam sido **comprados por preço**. Não pertenciam a si mesmos. O preço da compra deles – assim como o da nossa – foi o precioso sangue do Cordeiro (veja João 1:29; 1 Pedro 1:18, 19).

Uma vez que a escravidão fazia parte do cotidiano da vida greco-romana, “comprados por preço” tinha mais significado para os primeiros leitores da carta de Paulo do que tem para os leitores de hoje. Alguns cristãos de Corinto eram, na verdade, propriedade de seus senhores (veja 7:21, 22). O indicativo “[vós] fostes comprados por preço” prepara o terreno para o imperativo: **Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo**. A resposta apropriada a Cristo da parte de todos que confiam na Sua graça é a resposta obediente do corpo e da alma.

DESTAQUES

Cristãos e Tribunais

Hoje, na maioria dos lugares, os sistemas de governança, lei e ordem, e os tribunais e as instituições sociais são totalmente diferentes do que eram no mundo greco-romano, onde viviam Paulo e seus primeiros leitores. É difícil transferir a outras culturas as admoestações de Paulo sobre “irmão ir a juízo contra irmão”. As palavras de Paulo precisam ser aplicadas com cautela.

Disputas legais podem envolver uma parte que se aproveita de detalhes técnicos para alegar a propriedade ou os direitos sobre algo. O que é lícito ou legal não é necessariamente defensável em termos morais. Os financeiramente afortunados ou bem relacionados podem conseguir reivindicar o que pertence a outro. Aproveitar-se do desamparo, da ignorância, ou da pobreza de outra pessoa em benefício próprio é incitar a ira de Deus. O rei Acabe invejou uma vinha que pertencia a Nabote (1 Reis 21:1, 2). Quando Nabote recusou-se a vendê-la, Jezebel, esposa de Acabe, contratou testemunhas falsas contra ele e conseguiu que o apedrejassem. Deus, então, decretou que esse casal real pagaria por seus pecados (1 Reis 21:9–23).

Duas pessoas bem intencionadas podem enxergar a mesma situação de perspectivas diferentes. Ambas podem estar convencidas de que estão certas. Se ambas as partes forem cristãs, a admoestação de Paulo é que elas conversem entre si como pessoas sensatas, prontificando-se cada uma a ceder. Se não houver acordo mútuo, o apóstolo insistiu para

que esses irmãos apresentem sua causa perante homens sábios da igreja. No espírito de Cristo, ambas as partes devem, então, aceitar o julgamento sugerido pelos irmãos consultados.

Somente em casos extremos é justificável que um crente leve um irmão perante um tribunal secular. Esse deve ser um último recurso, quando uma das partes envolvidas na disputa se recusa a negociar com boa fé e rejeita o parecer de irmãos em Cristo. Só o fato de fazer parte desse conflito já seria uma derrota (6:7a). A congregação pode ter de considerar a necessidade de uma ação disciplinar contra qualquer irmão que demonstre essa avareza e esse desrespeito pelo bom nome da igreja do Senhor.

Vergonha e Honra

Vergonha, culpa, honra, orgulho e boa consciência possuem todos uma dimensão psicológica e social. Psicologicamente, uma pessoa pode ter sentimentos íntimos e ocultos de orgulho ou culpa em resposta a determinado ato ou comportamento. Ao mesmo tempo, ela está ciente do que outros pensam sobre o que ela fez. Vergonha e honra refletem como uma pessoa é vista por amigos e familiares. As culturas modernas são muito diferentes da cultura do mundo antigo greco-romano no modo como se percebe a culpa ou a boa consciência. As dimensões sociais dessas qualidades eram mais acentuadas no mundo antigo do que costumam ser hoje. A preocupação com postura social pode ser vista nesta antiga oração judaica: “E não me entregue nas mãos do pecado, nem nas mãos da iniquidade, nem nas mãos da tentação, nem nas mãos da desgraça”²².

Quando Paulo disse aos coríntios: “Para vergonha vo-lo digo” (6:5), ele não estava dizendo que uma voz interior os reprovava. Vergonha, para Paulo e seus leitores, não era uma questão particular. O pecado público trazia desgraça para a comunidade cristã, tanto na visão de outras congregações como perante o mundo descrente. Quando um irmão ia a juízo contra outro irmão, a reputação da igreja era desfigurada como um todo. A vergonha era uma questão de âmbito social.

Tanto a dimensão da fé psicológica como a social são importantes para se viver uma relação saudável com Deus. Todavia, com o passar dos séculos, a dimensão social tem sido minimizada na consciência cristã. A pergunta comum: “Jesus é nosso Salvador pessoal?” parece implicar que a maneira como uma

pessoa se sente em relação ao Senhor é tudo o que importa e isso não tem consequências para a vida da igreja. Ao contrário disso, ser cristão requer que o crente participe da comunhão com os crentes e sirva como uma parte vital da igreja (veja 1 Coríntios 12:12, 13). Experimentar vergonha, culpa, honra, orgulho ou boa consciência entra no contexto de fazer parte de numa comunidade cristã.

Homossexualidade

Entre os que Paulo disse que “não herdariam o reino de Deus” estão os “efeminados” (“homossexuais passivos”; NVI) e os “sodomitas” (“homossexuais ativos”; NVI) (6:9). A palavra que os tradutores verteram para “efeminados” significa literalmente “homens que têm relações sexuais com homens”. O que quer que se creia sobre a autoridade das Escrituras ou sobre a Bíblia ser inspirada por Deus, as palavras desse versículo não dão espaço para se argumentar que a Bíblia é neutra em relação à aceitabilidade moral da prática homossexual.

Alguns procuram justificar a prática homossexual afirmando que Deus os fez assim. Argumentam que a homossexualidade é inata, assim como a cor dos cabelos ou a estatura são inatas, ou seja, naturais. Os cristãos insistem que uma característica física como a cor natural dos cabelos não é um equivalente da opção de praticar a homossexualidade, pois esta é uma propensão pela qual o indivíduo pode ou não optar. Se a medida da integridade ou pureza de uma prática fosse determinada pela propensão do indivíduo, o certo e o errado perderiam todo o sentido. O mesmo tipo de raciocínio poderia ser usado para justificar um molestador de crianças ou uma pessoa violenta que alega não poder controlar sua raiva “natural”.

Homossexuais militantes, além de insistirem que cabe a eles o direito de escolher seu modo de vida, também afirmam que todos devem considerar suas práticas aceitáveis. Todavia, a Bíblia fala claramente sobre o assunto. Discriminação, violência e contenção por meio da lei não são opções para acabar com o homossexualismo; porém, quando os que praticam o que a Bíblia identifica como pecado insistem em serem aceitos pelos cristãos, estão infringindo os direitos e a consciência dos outros. O casamento se dá entre um homem e uma mulher (Gênesis 2:24; Mateus 19:5). A prática homossexual impede a entrada no reino do céu. O ensino bíblico sobre esse tema não permite outra conclusão.

²²Talmude, *Berakoth* 60b.